

Sinal de Comando

Alucinante alta do dólar foi interrompida ontem graças a um leilão do Banco Central, que injetou no mercado US\$ 100 milhões. A intervenção ocorreu quando a cotação da moeda americana já havia ultrapassado R\$ 3,60, o que é sintoma de crise de confiança. Não faltam motivos para a crescente descrença nos rumos da economia. O primeiro deles é de natureza política. Nos meios financeiros e nos corredores oficiais, dava-se como certo que o tucano José Serra iria para o segundo turno e, na corrida final para a Presidência, derrotaria Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. O vaticínio, hoje, parece hipótese muito distante.

A vitória da oposição – de Lula ou Ciro Gomes – não estava nos planos de investidores e empresários. O resultado é o que se vê: a sensação de insegurança paralisou a economia real. Neste ambiente de alta tensão, o dólar surge como defesa e necessidade. Empresas não conseguem renovar dívidas no exterior e pressionam as fontes de crédito internas, que também secaram. E o câmbio escapa do controle.

Nem todo o nervosismo, porém, se prende ao nebuloso horizonte da sucessão. Apesar do imenso esforço fiscal que se fez nos últimos anos, a economia brasileira apresenta algumas distorções de monta. O Banco Central administrou

mal a política de juros. Cometeu grave equívoco ao manter as taxas básicas elevadas no início do ano. Perdeu o *timing* e sufocou a atividade empresarial. Quem vive no Brasil e fatura ou depende de financiamento em reais está em maus lençóis.

Não bastassem as dificuldades internas, a economia mundial enfrenta dias de forte instabilidade. O mercado de capitais dos Estados Unidos continua a sofrer reflexos negativos das várias denúncias de fraudes contábeis. Na verdade, o gigante do Norte paga alto preço por ser conduzido, hoje, por uma turma de quinta categoria. Não pode haver melhor exemplo do que as declarações desastradas do secretário do Tesouro, Paul O'Neill. Como agravante, o Brasil é afetado pelas crises dos países vizinhos, Argentina e Uruguai.

O cenário é sombrio. E nada indica que vai se alterar à base de leilões do Banco Central, remédio de curtíssimo prazo. O momento exige sinal muito mais forte. É preciso cobrar mais ação do Congresso. E pôr em votação as reformas vitais para o país. Mas a responsabilidade maior continua a ser do presidente Fernando Henrique. Se for o caso, que o governo firme acordo de emergência com o FMI. Sem consultar a oposição. Fernando Henrique está no comando até a noite do dia 31 de dezembro. Tem de governar até lá.